

O EMPODERAMENTO QUEER NAS QUADRILHAS JUNINAS DO MUNICÍPIO DE BARREIRAS-BAHIA

QUEER EMPOWERMENT IN JUNE GANG IN THE MUNICIPALITY OF BARREIRAS-BAHIA

Diego Cristiano Cedro Silva¹

Resumo: o processo investigativo parte das aprendizagens e experiências vivenciadas no ambiente das quadrilhas juninas no município de Barreiras-Bahia, fundamentadas nos estudos epistemológicos sobre gêneros durante a graduação no curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, onde se objetivou compreender os aspectos e posturas que evidenciem o empoderamento queer nas quadrilhas juninas do município de Barreiras, estado da Bahia. Portanto, a presente investigação de investigação abordagem autobiográfica se referenciou em estudos sobre gênero, cultura (especificamente a cultura das quadrilhas juninas) e resistência. A partir das narrativas foi possível entender como os processos de empoderamento numa visão social e cultural explicitada nas vivências das quadrilhas juninas de Barreiras. O trabalho apresenta uma discussão sobre os antecedentes históricos das quadrilhas juninas contextualizando a resistência LGBTQIAPN+: uma avaliação autobiográfica de como as pessoas queer se constituem nas relações de poder no movimento das quadrilhas juninas. E assim, contextualizando a história do bairro da Vila dos Funcionários, sendo esse um espaço-tempo para lideranças LGBTQIAPN+ surgirem e manifestarem seu empoderamento nas juninas, apresenta também marcos queer importantes no município de Barreiras.

Palavras-chave: LGBTQIAPN+; Queer; Empoderamento; Resistência; Quadrilhas.

Abstract: the investigative process starts from the learning and experiences lived in the environment of the Brazilian square dance in the municipality of Barreiras-Bahia, based on logical epistemological studies on gender during graduation in the Interdisciplinary Bachelor's degree in Humanities, where the objective was to understand the aspects and postures that highlight queer empowerment in Brazilian square dance in the municipality of Barreiras, state of Bahia. Therefore, the present investigation of the autobiographical approach was based on studies on gender, culture (specifically the culture of the Brazilian square dance) and resistance. From the narratives it was possible to understand how the processes of empowerment in a social and cultural vision explained in the experiences of the Brazilian square dance in Barreiras. The work presents a discussion about the historical antecedents of the Brazilian square dance, contextualizing the LGBTQIAPN+ resistance: an autobiographical assessment of how queer people are constituted in power relations in the Brazilian square dance movement. And so, contextualizing the history of the Employee Village neighborhood, as this is a space-time for LGBTQIAPN+ leaders to emerge and manifest their empowerment in June, it also presents important queer milestones in the municipality of Barreiras.

Keywords: LGBTQIAPN+; Queer; Empowerment; Resistance; Brazilian square dance.

1 INTRODUÇÃO

A atual sociedade contemporânea é marcada por múltiplas e complexas transformações sociais. Principalmente sobre o processo identitário e de empoderamento de pessoas LGBTQIAPN+. Corroborando com Barbero (2006), a civilização atual não escapou do “mal-estar” prognosticado por Freud há cerca de um século. Claro que os valores e a cultura da época freudiana, já não são os mesmos, pois o mal-estar assumiu outras formas. Por isso, no paradigma da pós-modernidade Bauman (1998, p. 10) considera que “os mal-estares já

¹ Graduado no Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades (Ufob- 2022), graduando em Licenciatura de Geografia (Ufob). Residente no programa institucional de bolsas de iniciação a docência (desde 2024). Fazedor de Cultura no município de Barreiras-Ba junto as quadrilhas juninas e ativista e pesquisador LGBTQIAPN+ no oeste da Bahia desde 2018.

da pós-modernidade provém de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual pequena demais”. Não há nenhum ganho sem perda, os fenômenos culturais, sociais e identitários mudam, fluem conforme os tempos-espacos.

A partir dessa configuração uma manifestação cultural, a exemplo das quadrilhas juninas de um povo em tempos-espacos contemporâneos, tem suas normas culturais instaladas historicamente enquanto processo estabelecedor de ordem, questionadas e reconfiguradas por novos fenômenos culturais e sociais fluidos. Assim, pessoas LGBTQIAPN+ (lésbicas,gays, bissexuais, travestis/transgêneros/transsexuais, *queer*, assexuais, panssexuais/polissexuais, não binários e uma diversidade de sexualidades e gêneros), participantes em processos de ocupação de espacos de poderes tem o potencial de questionar a ordem da cultura, ali estabelecida por pessoas heteronormativas. Portanto, as pessoas LGBTQIAPN+, se defrontam com a incoerência das normas (Bauman, 1998). A noção de cultura cunhada na modernidade segundo o modelo da “fábrica da ordem”, como assevera Michel Foucault (1998), não se sustenta mais em tempos contemporâneos, pois novos espacos-tempos de poderes substitui o acaso e uma nova ordem/norma ocupa o lugar da espontaneidade, da ideia de cultura cristalizada como determinismos culturais das identidades não se configura no processo identitário de pessoas LGBTQIAPN+.

Em História da Sexualidade, Michel Foucault (1998), aponta que práticas sexuais vistas como arte na Antiguidade foram rotuladas pela “fábrica da ordem”, como doenças nas sociedades modernas. Por isso, a importância em tempos contemporâneos em promover discussões e estudos epistemológico sobre o empoderamento de pessoas LGBTQIAPN+, ou seja, difundir conhecimentos sobre o processo de constituição das relações de poderes em ambientes ou grupos culturais liderados por pessoas LGBTQIAPN+. Destacando que o presente trabalha emerge em estudos de contestação da ordem unilateral da modernidade, a partir do movimento *queer* que surgiu no ambiente acadêmico dos anos 80 do século XX, questionando a tradicional e enraizada discussão da divisão de poderes entre heteros e homo (sexualidade), os gêneros como criações culturais.

O movimento *queer* não objetiva inicialmente somente combater as repressões estabelecidas pela sociedade modernas as pessoas LGBTQIAPN+, e sim defender a liberdade de um “estilo de vida”. Defender também a ocupação de espacos de poderes sobre a lideranças de pessoas LGBTQIAPN+. É um movimento de resistência e de empoderamento. Quem se empodera quer poder, e nisso me proponho a compreender que poder é esse que permeia o processo identitário de pessoas LGBTQIAPN+ nas quadrilhas juninas? poder tanto pela luta da expressão cultural das quadrilhas nos festejos juninos, quanto pelo movimento de resistência de pessoas LGBTQIAPN+ em relação aos membros heterossexuais, quanto também pelo poder que reflete as relações hierárquicas, dando voz para que pessoas queer, possam ser líderes, no processo de desconstruir a repetição unilateral de manifestações de atos e códigos nos grupos, por heterossexuais, sejam eles “bons ou ruins”, ou seja, construir

e permitir que atos e códigos dos movimentos das pessoas *queer*, também possam estar presente nos processos de lideranças dos grupos culturais de quadrilha juninas. Entretanto, é preciso configurar as auto narrativas, não somente como sujeito empírico da investigação, mas também como sujeito em iniciação da pesquisa acadêmica, por isso trago a minha narrativa de si, enquanto dançarino, coreógrafo, membro de diretoria em quadrilhas juninas, ou seja, narrativas de um corpo *queer*. Em minhas narrativas de itinerâncias e travessias de si, descrevo que sou um baiano imbricado com as questões identitárias cearenses devido a minha familiaridade cearense (neto de Raimundo Araújo Cedro e Antônio da Silva Cedro e filho de Luiza Sandra Araújo Cedro, todos oriundos Crateús-CE). Nasci e me criei num bairro chamado Vila dos Funcionários, bairro esse com vasto histórico cultural na cidade de Barreiras-BA (É um município brasileiro no interior do estado da Bahia, Região Nordeste do país, distante 863 km da capital. Sua população estimada em 2021 era de 158 432 habitantes, sendo assim, o nono município mais populoso do estado e o 16º do interior da Região Nordeste. É cortada pelo Rio Grande, principal afluente da margem esquerda do Rio São Francisco, e é atravessada por três rodovias federais sendo elas a BR 020, a BR 135 e a BR 242 tornando-a no principal entroncamento rodoviário da região) Em meados dos anos 70 do século XX, a pequena vila se tornou um “pedacinho” do Ceará na Bahia, com a chegada dos primeiros cearenses em Barreiras, juntamente com o 4º Batalhão de Engenharia de Construção do Exército Brasileiro (4º BECnst). O 4º BEC, situado em Barreiras-BA, é uma Organização Militar do Exército Brasileiro, especializada em obras de construção horizontal, subordinada ao 1º Grupamento de Engenharia fins de preparo e instrução, emprego militar e técnico, e vinculada à 6ª Região Militar para fins de apoio logístico e administrativo e assuntos de Segurança Integrada. Criado em 1955, e presente no Oeste Baiano desde 1972, contribuindo positivamente com o desenvolvimento da cidade. O bairro Vila dos Funcionários é considerado até hoje pelos saberes da oralidade local uma referência das manifestações culturais nordestina, de Barreiras, principalmente a dos festejos juninos a exemplo das quadrilhas juninas como expressão artística e cultural.

Com essa informação empírica, início este estudo (auto)biográfico na perspectiva de analisar os fenômenos e expressões que nos proporcione compreender como se dá a ascensão de lideranças de pessoas LGBTQIAPN+ ou *queer* (termo que se refere a pessoas que fogem da norma heteronormativa), nas quadrilhas juninas, espaços-tempos identitários construídos pela norma binária, cisgênero e heteronormativa.

Em meio a esse panorama destacamos que os saberes orais sobre a história do bairro Vila dos Funcionários são passados de “pai para filho”, saberes da oralidade local, também das quadrilhas juninas. Parafraseando Foucault (2017) sobre seus estudos da arqueologia do saber, escavando metaforicamente os saberes das pessoas moradoras do bairro, por sinal saberes esses que são soterrados nas memórias afetivas e história da cidade ditas subterrâneas. É preciso suspender esses estudos epistemológicos a partir de memórias

autobiográfica sobre a cultura de um bairro e dos elementos que a constituem enquanto grupo social pertencente ao local.

Nos estudos desses saberes culturais que fazem parte da história local, histórias que muitas vezes emergem também a pessoa *queer*, são teorias e dados historiográficos dos espaços-tempos e que pessoas LGBTQIAPN+ se impõem por liberdade refletida da resistência para o processo de empoderamento e consequentemente estar sob as relações de poder.

Diante dessa realidade, surgiu o seguinte problema, a ser esclarecido com esta pesquisa: De que forma se dá o empoderamento *queer* nas quadrilhas juninas na cidade de Barreiras-BA? Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo principal compreender os aspectos e posturas que evidenciem o empoderamento *queer* nas quadrilhas juninas na cidade de Barreiras, estado da Bahia. Como objetivos específicos, procurou-se: i) discutir os antecedentes históricos das quadrilhas juninas contextualizando a resistência LGBTQIAPN+; ii) avaliar como as pessoas *queer* se constituem nas relações de poder no movimento das quadrilhas juninas.

Quanto à metodologia, trata-se de um estudo descritivo com abordagem qualitativa utilizando método auto biográfico, enfatizando minhas experiências como sujeito nesse lugar de (re)existência “As experiências de vida demarcam o lugar da existência, tudo que um sujeito sabe do mundo sabe a partir de uma visão que é sua e de uma experiência de mundo pessoal” (Alves, 2014, p. 22). A abordagem metodológica da pesquisa autobiográfica traz uma abordagem de cunho diferente permeia nas falas, histórias, trajetórias, experiências para construção das subjetividades e identidades do sujeito, ou seja, uma produção do sujeito sobre si neste caso em relação aos outros, partindo da subjetividade e singularidade para a pluralidade, experiências e saberes.

Esse método autobiográfico se ancora na fenomenologia existencial, surgida no século XX pelos pensamentos de Edmund Husserl, e se preocupa filosoficamente na descrição e não explicação, assim se cria um outro tipo de conhecimento, o derivado do movimento biográfico, onde as experiências pessoais do indivíduo se tornam saberes. “O desejo de produzir outro tipo de conhecimento, campo de formação acadêmica, fez fortalecer o movimento biográfico, como um estatuto epistemológico próprio, uma área emergente de pesquisa” (Alves, 2014, p. 24).

A autobiografia se consolida em torno das narrativas do sujeito, tendo suas experiências como um instrumento valioso como investigação nos processos de aprendizagem. “As narrativas (auto)biográficas tornam-se um instrumento valoroso para a presente investigação, quando se propõem a compreender a aprendizagem e a construção do processo identitário” (Alves, 2014, p. 25). Portanto, as narrativas autobiográficas não são apenas para descrever ou interpretar os acontecimentos pessoais e sim para retotalizar sinteticamente a vida e interação social desse sujeito, ou seja, para que haja uma

ressignificação das memórias, dos acontecimentos, uma análise global, afetiva, profunda e empírica das memórias que posteriormente se tornam conhecimentos acadêmicos. Por isso Alves (2014, p. 26) considera que “uma narrativa biográfica não é um relatório de acontecimentos, mas uma ação social pela qual um indivíduo retotaliza sinteticamente a sua vida e a interação social em curso, por meio de uma narrativa-interação”.

O contexto da investigação autobiográfica foram as vivências experienciais com os participantes que se autodeclaram pessoas LGBTQIAPN+ de quadrilhas juninas como a Remelexo Cearense, Sapecou Queimou, Luar do Nordeste, Encanto do Oeste, Balão Dourado e Nordeste Show. No processo de coleta de dados trabalhamos com os seguintes instrumentos de pesquisa: a) pesquisa bibliográfica: i) com livros, artigos, teses e dissertações; ii) bancos de dados online, onde foram utilizados para pesquisa termos e expressões como empoderamento, relações de poder, história e cultura *queer*, e quadrilhas juninas, entre outros; iii) documentos e material impressos sobre a história das quadrilhas juninas; b) narrativas orais coletados durante as visitas aos ensaios das quadrilhas juninas por meio de conversas informais com pessoas LGBTQIAPN+.

Este estudo conta ainda com método da análise interpretativa e nessa base o foco, não é separar o sujeito das narrativas e sim localizar e contextualizar o sujeito, sendo protagonistas de suas próprias narrações, nisso o que importa é compreender a semântica e subjetividades dos conhecimentos.

Na análise interpretativa das narrativas, o que está em jogo é a com- preensão dos conteúdos semânticos, dos conhecimentos que se desvelam e constroem para o benefício e a realização dos indivíduos em formação inicial e identitária enquanto análise compreensiva desse processo narrado através das escritas dos memoriais de formação. Uma análise interpretativa das Histórias de Vida através das escritas de si configura-se na análise hermenêutica conduzindo o pesquisador para além das questões de decodificação das mensagens dos textos narrativos à reconstrução de estruturas diacrônicas (Alves, 2014, p. 42).

Dentre os autores que fundamentam este estudo, destacam-se Alves (2014); Berth (2019); Cardoso et al (2017); Neto (2019) e Trassoldi (2021), entre outros. Nos decorrer, trago a fundamentação teórica que embasou o presente estudo sobre os estudos de gênero e empoderamento *queer*, abordando e contextualizando de maneira breve os antecedentes das quadrilhas juninas, suas origens e influência, procurando apresentar o empoderamento *queer* nas quadrilhas juninas no município de Barreiras-BA, mostrando como se dão as relações de poder, resistência e a resistência *queer* no interior do movimento junino barreirense.

No final do texto, apresento as minhas considerações, na perspectiva das (in)conclusões, fruto dos achados da pesquisa, a partir do presente estudo investigativo

sobre os espaços-tempo do empoderamento *queer* nas quadrilhas juninas. Uma trajetória, experiência de si, espaço-tempo formativo e autoformativo, narrativas de si, são caminhos e categorias de análise que acreditamos poder provocar o leitor a uma imersão na leitura deste texto monográfico sobre a compreensão dos aspectos e posturas que evidenciem o empoderamento *queer* nas quadrilhas juninas no município de Barreiras-Bahia.

2 TEORIA, RESISTÊNCIAS, VIOLÊNCIAS, E EMPODERAMENTO QUEER NAS JUNINAS

Queer é uma palavra inglesa usada por anglofanos há quase 400 anos. Na Inglaterra havia até uma *queer street*, onde viviam todos os vagabundos, os endividados, as prostitutas e todos os tipos de pervertidos e devassos que aquela sociedade poderia permitir. Desde então o termo passou a ser usado como ofensa, tanto para homossexuais, travestis e transexuais e todas as pessoas que se desviavam da norma heterossexual (Vieira, 2015).

Queer era o termo para os considerados desviantes da norma vigente (motivo esse que nos encantou a nomear esse trabalho como *queer*, não por ser mais ou menos importante que as outras letras da sigla e sim por todo o peso e história que o termo tem). Não há em português um sinônimo claro, talvez possamos pensar o *queer* como transviado. Por esse motivo o termo foi reapropriado (assim como foi feito o termo viado, sapatão, bixa, termos pejorativos que foram ressignificados (Facchini; Simões, 2009). Essa reapropriação surge devido ao ativismo LGBTQIAPN+ e posteriormente em conferências acadêmicas surge a teoria *queer*, que será retomada adiante. O *queer* de alguma forma é um termo de empoderamento, termo que ajuda a dar poder a toda a sigla, porém também se põe numa relação de poder, talvez por isso algumas pessoas não se entendem como *queer*, pois se é um termo guarda-chuva, o *queer* de alguma forma está sobre a sigla, mas ao mesmo tempo está colocado dentro da sigla, e de alguma forma com um sentimento de ativismo, talvez o *queer* se torna tão igual e tão importante quanto o resto das letras da sigla (Gomes; Zenaide, 2019).

O *queer* pode entendido dessa forma:

Se por um lado ele pertence ao todo que é a comunidade, por outro ele também é um indivíduo de características únicas, e dentro dessa comunidade, se identifica com alguma vertente específica da comunidade, assumindo papéis sociais e políticos a partir dessa homossexualidade que o representa (Bortoletto, 2019, p. 12).

Sobre os estudos *queer*, destaca-se toda a potência que se tornou a teoria *queer*. A teoria *queer* que surgiu na década de 90 do século XX e teve como referencial teórico os

estudos de Foucault e Derrida, além da contemporânea Judith Butler. Ela foi originada do encontro dos estudos culturais norte americano com o pós-estruturalismo francês. A palavra *queer* é traduzida por estranho, excêntrico, raro e extraordinário. Os estudos *queer* adquire todo seu poder com a invocação que o relaciona com patologias e insultos e representam a transgressão quanto a uma sociedade heteronormativa, destacando a realidade social e cultural de uma minoria excluída - os homossexuais. Vale ressaltar, que esta minoria luta contra a condição de marginal de forma radical, exagerada e excêntrica. Em fevereiro de 1990, na Universidade da Califórnia, Santa Cruz (EUA), o *queer* foi realizado uma conferência com propósito teórico movimentado pelas provocações do feminismo, pós-estruturalismo, estudos culturais e mobilizações étnico-raciais e movimento LGBTQIAPN+ em meio a epidemia do HIV/Aids, conferência essa realizada por Teresa de Lauretis.

A Teoria Queer surgiu nos Estados Unidos na década de 90 do século XX com a relação entre os Estudos Culturais e o Pós-estruturalismo francês, no intuito de questionar, problematizar, transformar, radicalizar e ativar uma minoria excluída da sociedade centralizadora e heteronormativa (Garcia; Miranda; 2012, p. 129).

Na conferência da Universidade da Califórnia, Teresa provocava uma ideia de pensar as sexualidade dissidentes e patológicas não como uma minoria e nem oposta a heterossexualidade, mas estudar sua relação como outras categorias analíticas como gênero, classe, raça, geração, e nacionalidade, ou seja, no início das problematizações *queer* de forma subjetiva ou não, já se pensava na interseccionalidade. No uso pejorativo antes da rebelião de *Stonewall* e os estudos *queer* o termo ganhará o sentido de viadinho, sapatona e maria macho e com a prisão Oscar Wild, o primeiro ilustre a ser chamado de *Queer*. É importante notar que a teoria *queer* é justamente o estranho, é aquele que narra ou é narrado fora do padrão e nisso a própria teoria da base para a reivindicação do termo como aponta:

A palavra queer, cujo sentido original era bizarro, excêntrico, estranho, passou a designar depreciativamente os homossexuais a partir do século XIX, nos anos 1980, porém, a palavra foi reivindicada pelos grupos LGBT num processo de resignificação em que se tornou valorativa. Com essa transformação de sentido, o termo começou a ser usado no sintagma "teoria queer" (Figueiredo, 2018, p. 4).

A resistência *queer* surge de forma individual e singular (potência singular), isso porque é preciso estar desconfortável, oprimido, contra e ou se opor aos atos heteronormativos dos que estão com o poder no momento, baseado nisso essa

singularidade tende se tornar coletiva, plural (potência plural) quando as falas e pensamentos ganham força com outras pessoas que comungam do mesmo sentimento político de movimento de luta por resistência para promover a nossa existência social, cultural e identitária.

A gênese do campo político acaba por desdobrar o alcance de análise do que sigmotiva resistência singular, nos permitindo pensar a necessidade da política não apenas como um desejo de resistir ao/apesar do outro, mas também como um desejo de resistir com o outro (e a própria natureza, imaginada abstratamente, pode ser uma representação desse outro) (Silva, 2013, p. 5).

Segundo as teorias elaboradas a partir da filosofia espinozana se entende que existir é resistir. A partir disso se entende que a resistência é um fenômeno individual a priori, a resistência surge das relações de poder e se torna base para o empoderamento quando essa resistência se torna algo coletivo, contudo, mesmo que o fato de existir já nos coloque em resistência, o conceito não se resume somente nisso, resistência é preservar a liberdade que todos nós devemos ter no espaço-tempo em que estamos e vivemos, de forma política, social, cultural e demais formas. Com Spinoza, existir já é um ato de resistir, pois, em âmbito ontológico, a essência de cada coisa, o *contatus*, ao buscar a sua perseveração, já está em esforço de resistência, o que leva à afirmação de que, desde a base do pensamento espinozano, resistência já é uma potência produtiva, criativa e atual, que configura a própria existência. Nesse sentido, a resistência não surge quando aparece uma ameaça externa, não depende disso, de uma externalidade negativa, para se materializar. Com o holandês, a resistência é ato anterior, é constitutiva e constituinte de cada singularidade, é mesmo a própria potência de cada ser, em seu exercício de contínua criação, através dos encontros, reencontros ou agenciamentos inter subjetivos e desses com as instituições (Junior, 2018, p. 304).

A resistência vem da desobediência, desobedecer ao que as instituições nos impõem, nos obriga claro que a resistência tem dois lados, de certa forma dois lados políticos, a desobediência civil que está na resistência das lutas de classe, raça e gênero e a resistência violenta que molda os discursos opressores e conservadores. A resistência é um fenômeno que na estrutura preza a liberdade, estrutura essa que compreendemos assim: existir, resistir (potência singular), resistir (potência plural), empoderamento e liberdade. Obviamente que essa liberdade se remete a conquista do poder de um determinado grupo, comunidade, espaço sobre o outro e ainda sim essa liberdade está sujeita as relações de poder, porém essa liberdade é inalienável é um sentimento natural e por ser natural que essa estrutura sempre repete quando a liberdade é negada às pessoas, afinal os processos

de resistência até a liberdade não findam os constantes novos processos de resistência e de direitos.

A resistência seria um processo necessário de autoafirmação/produção dos agentes éticos e políticos, expressão inalienável de um conatus estratégico – o que abrange a resistência como perseverança não ser e como afirmação de liberdade (individual e coletiva) (Silva, 2013, p. 10).

Resistir é potência, essa potência é a capacidade de agir dos indivíduos ao que está ao seu alcance, para Spinoza a potência de cada uma está regido a potência maior da natureza que é a potência de Deus, o poder soberano (poder esse que está nas relações de poder, porém não se submete a resistência, pois esse poder é soberano e universal a todas as potências) todos nós temos o direito natural que equivalem a nossa potência, e cada indivíduo tem o direito de se conservar, ou seja, agir e viver como manda a sua natureza, pois tudo que fazem é conforme a sua natureza, por isso somos diferentes (Silva, 2013). A potência é a lei natural de cada um, nisso existe as relações de poder entre as potências, onde uma potência maior pode impor sobre a potência menor, porém quando potências menores se unem, se tornam uma potência grandiosa e isso é empoderamento surgido das potências individuais e singulares (resistência), tudo isso é o poder concretizado ou fragmentado, o poder, todos temos poder, de diferentes formas e tamanhos, porém está em nós, como aponta:

O poder não é visto como algo dado, pronto e acabado, mas inserido numa dinâmica de forças, de fluxos materiais, energéticos, espirituais, emocionais, uma espécie de futuação, de permanente consolidação e desconsolidação, a depender dos fluxos envolvidos, expressados nos sujeitos e nas próprias instituições (Junior, 2018, p. 303).

No ensaio “Ativismos LGBT no Oeste da Bahia: percursos, situação atual e potências políticas” publicado em 2017, os autores tem o propósito de refletir como os corpos LGBTQIAPN+ do oeste da Bahia, se configuram a partir das relações de opressão em determinados espaços, e assim entender o início do empoderamento *queer*, a partir do questionamento das normas que agem sobre esses corpos de forma violenta na tentativa normatizadora, limitando-os em seus processos identitários. Nesse contexto, refletimos sobre quais corpos importam dentro de uma sociedade que busca encaixar o sujeito em um padrão nomeado como normal e aceitável sem, sequer, preocupar-se como esse sujeito se identifica. Por outro lado, os sujeitos que se encontram neste regime buscam um lugar em

tais espaços, pois sentem a necessidade de (e são impelidos a) serem aceitos, inclusive como estratégia de sobrevivência. (Cardoso; Fernandes; Lima; Soare; Souza, 2017, p. 2)

Investigando os pioneiros, desbravadores e líderes de quadrilha junina que se declaravam gay encontramos a história do cearense Antonio Eudes, um dos primeiros dançarinos, coreógrafos e líderes da quadrilha junina Remelexo Cearense ainda no final dos anos 70 do século XX. O cearense Antonio Eudes, que conjuntamente com sua família emigraram do estado do Ceará para a cidade de Barreiras na Bahia no início dos anos 70 do século XX, veio contribuir por muito tempo com a manifestação cultural das quadrilhas juninas. Sendo negro e homossexual abertamente assumido em meados do fim dos anos 70 e início dos anos 80, foi líder ou agente cultural, foi um dos pioneiros do movimento LGBTQIAPN+, das quadrilhas juninas, mesmo sem talvez ter a percepção desse movimento, pois depois dele outras lideranças gays iriam surgir no próprio grupo da Remelexo Cearense como Paulo Rogerio e Francisco Cleiton e em outras juninas posteriores a exemplo de lideranças como Mauro Sérgio (Remelexo e posteriormente Nordeste Show), os irmãos Olavo e Otávio (Remelexo e Balão Dourado), Ailton conhecido como Tom (Remelexo, Nordeste, Balão, Dona Gonzaga, Luar, Sapecou Queimou), e recentemente os jovens líderes culturais a abertamente gays, Marcelo Azevedo, atual presidente e marcador da junina Luar do Nordeste (mas que antes foi passista da Remelexo e depois da Balão Dourado e Rosa de ouro) acompanhado de seu parceiro Wesley Alecrim (atual noivo da Luar) e Marcelo Ferreira (Balão, Sapecou, Êta Lasqueira e Luar) hoje atual presidente e marcador da campeã regional de 2022 á 2024, a Encanto do Oeste.

Observando essa resistência para o empoderamento *queer* nas quadrilhas e fanfarras, nos questionamos, para além disso, pois quais outros fatores podem ser considerados como resistência *queer* no município de Barreiras? A arte e movimentos culturais sempre são mais propícios para inserção de atores sociais que praticam revoluções, resistências, resiliências, e empoderamento desde que se assumem LGBTQIAPN+ até o prosseguir da vida social. “Sair do armário evoca emergir do confinamento e do ocultamento para espaços públicos, a partir da clandestinidade para a afirmação pública” (Spargo, 2017, p. 27). Para Tasmim Spargo no ensaio Foucault e a teoria *Queer*, publicado em 2017, expõe a necessidade que indivíduos LGBTQIAPN+ têm de expressar, sua sexualidade e identidade dentro de um território político que é uma cidade, tanto que entre 2014 e 2015 houve em Barreiras uma “barzinho” estilo lounge, pub LGBTQIAPN+, na época dito como GLS (gays, lésbicas e simpatizantes) era o DL *pub*, gerenciada por uma *dj* lésbica, porém teve o ponto fechado devido ao público ser limitado não intencionalmente, os gastos eram muitos e lucros poucos, muitos LGBTQIAPN+ mesmo que assumidos ainda estão na margem da sociedade com desemprego e pouca escolaridade, como aponta os estudos de Barbosa e Clarck (2017).

A população LGBT é constantemente deixada às margens da sociedade das políticas públicas nas áreas da saúde, educação, emprego e segurança, paradoxalmente é contemplada pelo capital e pelo planejamento do estado (união) no turismo, a fim de gerar lucros, tributos e fomentar o processo produtivo (Barbosa; Clarck, 2017, p. 84).

Barreiras ainda é uma cidade que repete discursos homofóbicos e transfóbicos, porém é um lugar onde a LGBTQIAPN+fobia como forma de violência física ou homicídios está presente na cultura dos munícipes, porém não temos registros de casos corriqueiros e de grande repercussão na mídia. Por isso, aparenta ser uma cidade relativamente estável frente aos direitos sociais de pessoas LGBTQIAPN+. Durante as pesquisas bibliográficas para um ensaio sobre ativismo no oeste da Bahia foi percebido e registrado nos estudos de Cardoso; Fernandes; Lima; Soares; e Souza (2017), algumas vítimas de LGBTQIAP+fobia foram encontradas, porém não foi possível documentar os casos de violência devido ao medo dos mesmo em relação a represálias e sem a garantia da proteção do estado e da família. Mas, como nos processos de pesquisa sempre é possível voltar a escrita e rever conceitos e incluir novas informações, durante a presente investigação tivemos o registro policial de um crime de homofobia que aconteceu no dia 17/10/2021 no residencial São Francisco Barreiras, hoje 20/10/2021 adicionei essa morte com pesar nesta pesquisa, pois mais uma pessoa tem sua vida ceifada pela homofobia. Era um servidor público e graduando do curso de geografia da UFOB- Claudio Pereira da Silva entrou em discussão na madrugada de um sábado para domingo com um homem que fazia chacota sobre sua orientação sexual, Claudio e assim foi vítima de três golpes de arma branca, o caso permanece sob investigação policial, porém os fatores confirmam o caso como homofobia. O caso de Claudio nos faz repensar e achar importante incluir outro caso de repercussão nesta cidade, pois até então na época os registros policiais e da mídia não tipificava o caso como vítima de LGBTQIAPN+fobia. No dia 19/01/2012 o corpo do estudante de história da ICADS-UFBA de Barreiras-Ba (hoje UFOB), Eliano de Souza Bezerra, conhecido como Nego Eliano (37 anos) foi encontrado pelo mergulhador profissional e ajudante do corpo de bombeiros, na parte urbana do Rio Grande da cidade de Barreiras. Nego Eliano foi morto supostamente a pedradas e seu corpo jogado no Rio Grande por volta das 5h daquela madrugada, por dois homens, um de 24 anos e outro menor de idade, que foram detidos no Complexo Policial de Barreiras.

Além de Barreiras é possível dizer que em Luiz Eduardo Magalhães (cidade próxima a Barreiras há 100 km de distância) é uma cidade com mais casos de mortes de pessoas LGBTQIAN+ como foi o caso de uma dançarina de quadrilha junina e técnica de enfermagem Sabrina (travesti), outro caso, o jovem Guilherme de Souza que tinha 21 anos e foi morto a pauladas num crime premeditado em 12 de julho de 2020, tendo um jovem de 14 anos como seu algoz, e pra deixar a situação mais triste o corpo de Guilherme demorou meses

até sua mãe Franciane de Souza conseguir enterrá-lo, em entrevista disponível no site G1 Bahia (G1 Ba, 2020).

Outro caso chocante foi de Tiago Avelino, de 24 anos, em 2018 estava sendo socorrido pelo Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) quando foi assassinado (Tv Oeste, 2018). Tiago estava de carona com seu tio que era suspeito de tráfico de drogas e nisso foram perseguidos e alvejados no carro, depois de socorrido Tiago ainda na ambulância foi assassinado por homens encapuzados e armados de forma violenta, a família alega que Tiago era inocente, ressaltando que Tiago era o noivo da quadrilha junina Tira o pé na Brasa de Luiz Eduardo Magalhães, no mesmo ano a junina foi campeã no concurso regional do oeste fazendo uma bela homenagem ao noivo, onde a noiva dançava sozinha e no decorrer da apresentação ela procurava seu noivo que havia se transformado em pássaro E o caso mais recente (notificado), da travesti Lorena Fox (G1 Ba; Tv Oeste, 2024) que foi morta por dois homens depois de um desentendimento por questões de valores do programa que Lorena fazia, isso ocorreu em 23/02/2023 e só sendo achada no mês de março em um matagal por funcionários de uma empresa, porém neste caso houve justiça, os dois homens foram julgados e condenados a mais de vinte anos e ainda terão que pagar uma indenização de vinte mil reais. Esses são alguns casos de pessoas jovens e *queer* mortas antes dos 35 anos da cidade de Luiz Eduardo Magalhães (LEM).

Nos estudos de Cardoso, Fernandes, Lima, Soares e Souza (2017), os autores destacam fatos importantes de ativismo na região, nas pesquisas se constatou que apenas um grupo foi criado em prol do ativismo LGBTQIAP+, o GGOB (Grupo Gay do Oeste da Bahia) mostrando que em algum momento houve uma preocupação com a comunidade LGBTQIAPN+ de Barreiras e região. Em uma entrevista no dia 22 de julho de 2016 o até então ativista na época João Felipe (atualmente vereador de Barreiras), disse:

(...) que se considera um ativista, porém tem o sentimento de estar sozinho pois não considera a região Oeste da Bahia cenário favorável para as pessoas LGBT's pois não encontramos algo que nós (às minorias sexuais) referencie em prol dos direitos das pessoas LGBT's (Cardoso; Fernandes; Lima; Soares; Souza, 2017).

Todos esses casos de violência e resistência estão ligados às quadrilhas juninas, e nisto conforme discussão anterior o movimento junino segue tradições europeias, sobretudo da Inglaterra e da França. Sua manifestação não se restringe apenas à apresentação de quadrilhas no mês de junho, mas sem dúvidas, esta é uma atração indissociável das festas juninas, espaço de inclusão para todos os indivíduos que queiram participar. De acordo com Neto (2019), é possível verificar, sob a leitura de Hobsbawm (2015), que as quadrilhas juninas apresentam, em certa medida, uma referência com um passado histórico, uma

ligação geográfica, étnica e temporal. No entanto, é preciso considerar as reações às novas situações sociais que surgem, que podem contestar as repetições obrigatórias exigidas pelos defensores da “verdadeira” tradição.

O objetivo e a característica das ‘tradições’, inclusive das inventadas, é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição. O ‘costume’, nas sociedades tradicionais, tem a dupla função de motor e volante. Não impede as inovações e pode mudar até certo ponto, embora evidentemente seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente. Sua função é dar a qualquer mudança desejada (ou resistência à inovação) a sanção do precedente, continuidade histórica e direitos naturais conforme o expresso na história (Hobsbawm, 2015, *apud* Neto, 2019, p. 08-09).

É justamente nessa disputa entre manutenção das tradições e o seu constante repensar, sua reconstrução e desconstrução, que a cultura desenvolve sua dinamicidade em diálogo com a sociedade, influenciando e sendo influenciada (Neto, 2019). Corroborando com Bhabha (2003), o trabalho das quadrilhas juninas revela um trabalho fronteiro da cultura e exige um encontro “o novo” que não seja parte do contínuo de passado e presente. Como ato insurgente o trabalho cultural de uma quadrilha junina enquanto manifestação cultural e histórica de um povo, não apenas garante a tradição do passado como causa social, mas intervém num presente estético que se renova, que se inova, ou seja, o passado-presente torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver (Bhabha, 2003).

Empoderamento, hoje é uma palavra mediática, forte, que dá status, uma palavra da moda, quem se empodera quer poder, e como é esse poder dentro de uma junina? O poder de um líder/presidente junino, de um prefeito, presidente ou um ditador tem similaridades pelas relações de hierarquia, respeito, e autoridade e ao mesmo tempo tem diferenças devido às especificidades e alcance de cada poder. Existe outro fator em comum, a coletividade, é perceptível que para alguém chegar ao poder, tem como base um grupo que o colocou lá, o poder não surge de forma individual, é preciso de um coletivo para dar base e sustentar o empoderamento de alguém que irá administrar as necessidades desse grupo. Ou seja, o próprio empoderamento está atrelado ou subjugado a uma relação de poder, o poder de um grupo. Portanto, as pessoas participantes de quadrilha juninas se empoderam? Se entendem dentro de um grupo cultural? Como esse grupo as limita? Como esse grupo visibiliza suas causas ou falas ou como invisibiliza as mesmas nessa necessidade de ser valorizados percebidos, entendidos como pertencentes aquele grupo? Muitas dessas pessoas se empoderam e assim surge um grupo cultural que se empoderou dentro de outro grupo (Augusto, 2018).

Enquanto abordagem da pesquisa autobiográfica, não há como abordar a temática do movimento das quadrilhas juninas e o empoderamento de pessoas LGBTQIAPN+ no oeste da

Bahia, e mais especificamente na cidade de Barreiras, sem enfatizar as narrativas experiências, vivenciadas na comunidade da Vila dos Funcionários e na extinta quadrilha Remelexo Cearense, afinal dela surgiram todas as outras juninas. Parafraseando Alves (2014, *apud* Passeggi, 2010), o ato de autobiografar é aparar a si mesmo com suas próprias mãos, como diz o nordestino, aparar é ajudar a nascer. Também ação de cuidar de si e de renascer de outra maneira pela mediação da escrita. Narrar uma escrita sobre si com suas memórias afetivas é um processo de contar história de si, para si e para o outro é um processo autobiográfico de reflexão da auto formação, sobre as experiências formadoras que marcam a minha história de vida com as quadrilhas juninas.

É desse lugar, dessa condição de sujeito biográfico, como processo de construção da minha existência individual, subjetiva, que busco refletir as minhas aprendizagens experienciais como produção da esfera social. Na condição biográfica, autobiografar-se a si mesmo, e ao mesmo tempo ressignificar, e contribuir com os estudos epistemológicos sobre empoderamento *queer* em quadrilhas juninas

o sujeito confronta-se consigo mesmo. A descontinuidade que vive impõe-lhe transformações mais ou menos profundas e amplas. Surge-lhe perdas e ganhos, e nas nossas interações, interrogamos o que o sujeito fez consigo, ou que mobilizou a si mesmo para se adaptar à mudança, evitá-lo ou repetir-se na mudança (Josso, 2009, p. 70).

A minha primeira quadrilha composta por jovens e adultos foi o grupo cultural Sapecou Queimou do bairro São Pedro, próximo ao bairro que resido que é a Vila dos Funcionários, onde fiquei entre 2012 e 2014. Em 2013, fui desafiado a ser o destaque principal da junina com a temática: “O Tapete Vermelho se estende no arraiaá, vem Mazzaropi o São João Festejar!”. Foi de fato uma experiência prazerosa e linda de se viver. A junina sapecou até então era umas das juninas mais conservadora, apesar de um número expressivo de pessoas gays e algumas garotas lésbicas (como a própria rainha da junina em 2013). Os quadrilheiros, eram de forma indireta “orientados” a seguirem os padrões heteronormativos, percebi isso em 2014 quando em outro desafio fui o noivo da junina com o tema – “Luz, câmera, ação, é o cinema invadindo o seu São João!”. Um ano realmente de fracassos nos processos de participação de concursos locais e regionais além das questões internas do grupo, dando fim a junina que voltaria depois em 2019 com ex-dançarinos da quadrilha Remelexo Cearense e que também eram oriundos de conflitos internos do grupo.

Entretanto, a temporada onde fui noivo em 2014 foi a mais expressiva com a flexibilização das regras aos dançarinos assumidamente gays. Além de mim como noivo, os quatro dançarinos da comissão de frente eram gays, ou seja, a sua condição de afeminados no dia-a-dia, não inviabilizaram de assumirem papéis de ponta e destaque na quadrilha.

Porém, em alguns momentos como nos ensaios e concursos os dançarinos gays que assumiam o papel pré-determinado para o gênero masculino, se sobressaíam e “brilhavam”, frente as dançarinas, por saberem girar as saias, mas sempre apareciam cobrança do padrão heteronormativo, ou seja, esses dançarinos gays que praticavam os movimentos considerados “femininos” eram/são vistos e rotulados como “espalhafatosos” ou que iriam ofuscar a apresentação das damas, eram chamados atenção para engessar seus corpos hetero- normativamente, afinal o cavalheiro de uma junina até então tinha que transparecer masculinidade e virilidade. Fato esse que encomendava e ainda incomoda muitos dançarinos de postura e identidade afeminados, promovendo inclusive uma discussão sobre a ocupação desses corpos em papéis tradicionalmente e heteronormativo definidos para o gênero feminino.

Para Neto (2019, p. 214), “as quadrilhas juninas continuam dramatizando anualmente os códigos, valores e comportamentos corporais heteronormativos, inclusive tentando enquadrar os corpos e as corporalidades dissidentes dos seus brincantes”. O fato é que algumas damas não tinham, principalmente as dançarinas iniciantes, independentemente da sexualidade, uma estética corporal da dança coreografada, interligada a movimentos de delicadeza e sutileza de praticar alguns compassos da junina.

Tradicionalmente, desde os tempos remotos do surgimento das quadrilhas juninas, alguns movimentos coreografados eram organizados por gêneros. Assim, movimentos impostos culturalmente para gênero feminino como o de se posicionarem como “as damas”, no manusear dos seus saíotes enormes, não podiam ser realizados por dançarinos do gênero masculino. Caso isso acontecesse eram questionados por suas performances ao dançar. Os dançarinos afeminados de certa forma sempre eram monitorados, questionados e mais uma vez orientados a seguir o padrão caipira macho heteronormativo. Na Junina Sapecou esses atos eram até tratados como forma de piada, pelos dançarinos héteros. Acredito que muitas vezes, pela ausência de um letramento social de consciência e de empoderamento da causa gay, muitos dançarinos LGBTQIAPN+ não tinham noção da violência simbólica e do preconceito que sofriam, apenas tentavam se adequar às normas para não ter que se indispor com a direção e a presidente.

O empoderamento *queer* nas juninas de Barreiras ganha mais expressividade e representatividade quando surge de fato em 2016 com Luar do Nordeste, pela primeira vez uma junina seria criada, organizada, coreografada, dirigida, produzida por gays, lésbicas e transgêneros em sua grande maioria e os papéis de destaque e frente defendidos em maioria também por LGBTQIAPN+. Em 2016, a Luar em seu primeiro ano se torna campeã com o tema: Uma história de amor e paixão pelas bandas do sertão, porém essa história que seria do romance quase impossível dos noivos sertanejos, ficou ofuscada pelo brilho da dançarina trans Bya Mello (pois a mesma foi a primeira trans a interpretar um papel de destaque em uma junina). Anos antes como noiva não teve a visibilidade como teve quando

interpretou o carcará sanguinolento do sertão, vilã da temática da Luar em 2016. Isso fez das trans um recurso inovador nas juninas, era marketing, algo quase que obrigatório que a Luar trouxe todos os anos, menos em 2017, quando Bya interpretando a gênio do tema: Crispin e a Lamparina Mágica, Bya teve que ser substituída por outra dançarina por problemas de saúde no dia do concurso.

No dia quatro de março de 2017, o presidente e vice-presidente da junina Luar do Nordeste viajaram para o simpósio anual de quadrilhas promovido pela FEBAQ (Federação baiana de quadrilhas) situada em Salvador. Neste simpósio com cerca de oito horas de duração (segundo o presidente da Luar) os dirigentes da juninas foram com um único objetivo de liberar a participação dos/das pessoas trans de todo o oeste baiano neste concurso, até então em estatuto era proibido à participação de pessoas dançando “travestidos” com trajes do sexo oposto, biologicamente falando, fato ocorrido com a dançarina Bya Mello que foi censurada anos atrás por ser trans neste mesmo concurso, quando vestia a camisa da quadrilha Remelexo Cearense, sendo que nesse contexto as pessoas trans expõem suas reais identidades alterando o que muitos chamam de “normalidade” na tradição. “A identidade é um instrumento que permite pensar a articulação do psicológico e do social em um indivíduo, ela exprime entre o indivíduo e seu ambiente social, próximo ou distante” (Cuche, 1999, p. 200).

A Luar do Nordeste também tem seus problemas de gestão e de inter-relações, porém é a junina que mais me promoveu reflexões sobre o empoderamento *queer*, promovendo sensações de pertencimento e onde as ideias de um dançarino/coreógrafo *gay* eram aceitas, isso até 2019, ano que fui rei da quadrilha, papel antes nunca pensado para um dançarino *gay*. Hoje percebo que consegui o cargo mais por “imposição” minha do que pela escolha da diretoria, aquele ano eu já não fazia mais parte da direção da junina, algo foi que decisório para minha retirada do cargo de rei em 2020 (caso a pandemia não tivesse pausado os planos da junina), não sendo mais diretor não poderia questionar os motivos e nem me autoafirmar no cargo ou pedir uma votação.

Historicamente as pessoas LGBTQIAPN+, em decorrência de uma sociedade de pensamento etnocêntrico sustentado pela ideia homogeneizadora da normatividade dos corpos, tiveram o direito negado de contar a sua própria história, a sua narrativa. Por isso, como atividade biográfica da presente investigação, e enquanto sujeito pesquisador que entra pela via reflexiva da narrativa das relações de poderes constituídas nas juninas da cidade de Barreiras, busca-se compreender como as pessoas LGBTQIAPN+, em sua condição biográfica se relacionam em grupos sociais/culturais que tem a dinâmica do poder nos processos de liderança.

Na Luar do Nordeste o sujeito biográfico *queer* se empoderou e ganhou poder, estava na liderança, a grande questão era como esse poder se refletia no restante do grupo se priorizava a valorização ou ia impor a autoridade e hierarquia forçada.

Empoderar, dentro das premissas sugeridas, é, antes de tudo, pensar em caminhos de reconstrução das bases sociopolíticas, rompendo concomitantemente com o que está posto, entendendo ser esta a formação de todas as vertentes opressoras que temos visto ao longo da História. Esse entendimento é um dos escudos mais eficientes no combate à banalização e ao esvaziamento de toda a teoria construída e de sua aplicação como instrumento de transformação social (Berth, 2019, p. 19).

Fator importante no processo de empoderamento são as narrativas de memórias afetivas, usando nesse caso das memórias LGBTQIAPN+, memórias individuais e cruzam em memórias de um coletivo, memórias muitas vezes que trazem dor, abandono, medo, opressão a depender das vivências de cada ser neste coletivo, essas memórias que trazem cicatrizes porque fogem às normas segundo Michael Pollack, são as memórias subterrâneas, é a memória dos excluídos, dos marginalizados, das minorias (1989). Memórias clandestinas que estão em todos os espaços.

Essa memória "proibida" e, portanto, "clandestina" ocupa toda a cena cultural, o setor editorial, os meios de comunicação, o cinema e a pintura, comprovando, caso seja necessário, o fosso que separa de fato a sociedade civil e a ideologia oficial de um partido e de um Estado que pretende a dominação hegemônica (Pollack, 1989, p. 3).

As narrativas das memórias afetivas são importantes no processo de um grupo por empoderamento, porque esse poder vem de memórias que ainda não ganharam vozes, memórias subterrâneas que foram ou são excluídas, oprimidas, apagadas das memórias e processos formais, durante muito tempo, algo que no decorrer da história e com o uso da oralidade se propaga mesmo que de forma clandestina ou informal e no período certo ganham vozes mesmo que sejam novas vozes, a dos de herdeiros de luta e assim acontece o empoderamento (Augusto, 2018).

Nesse processo acontece o empoderamento interno em cada um, baseado em suas memórias o ser precisa se auto reconhecer é preciso usar o auto antes do ato de empoderamento externo, auto- aceitação, se autoajudar e os autos possíveis para liderar um grupo ou estar no grupo que vai surgir com o poder desejado e como ser pertencente dessa coletividade, ou seja, se reconhecer na sua condição biográfica. Dessa forma, o empoderamento deve emancipar grupos subjugados e oprimidos, entendendo que o empoderamento é que algo que requer ao auto esse auto refletido da resistência, algo que vem de dentro, mais internalizado e assim compreender os fatos existenciais e questioná-los e assim começar o processo de resistência para transformação coletiva.

O educador Paulo Freire, segundo Berth (2019), entende que não seja necessário dar ferramentas para que grupos oprimidos se empoderem; em vez disso, afirma que “os

próprios grupos subalternizados deveriam empoderar a si próprios, processo esse que se inicia com a consciência crítica da realidade aliada a uma prática transformadora” (Berth, 2019, p. 28).

Nessa emancipação está o sujeito biográfico *queer* que faz parte de um grupo sujeito à opressão e que se empodera em busca de visibilidade e com essa visibilização conquistada é preciso entender que esse grupo faz parte de outro que contém pessoas não LGBTQIAPN+, nisso, a grande logística é estreitar as relações de pessoas LGBTQIAPN+ e heterossexuais numa visão igualitária e de equidade, sem reflexos de utopia, e nem de domínio de grupo sobre outro, a ideia não é uma dita- dura LGBTQIAPN+ junina posta sobre héteros e nem sobre outros LGBTQIAPN+ que não fizeram parte do grupo de empoderamento e conquista do poder e sim uma comunhão de pessoas.

Um sentimento importante na construção do empoderamento afetivo, democrático, com equidade, baseado em senso de justiça, é a empatia, algo que requer esforço, é preciso compreender a alteridade, se colocar ou pelo menos entender o lugar do outro, a cultura, a diferença, algo que requer empenho, certo grau de desconstrução social para se construir um novo ser e usar o poder com justiça e igualdade. Para Berth (2019, p. 29), “empatia não é um sentimento que pode acometer um indivíduo um dia, outro não, mas sim uma construção intelectual que demanda esforço, disponibilidade para aprender e ouvir”. Assim, quanto mais abertura uma pessoa se der para conhecer as demandas e denúncias de uma realidade de e observá-las com um sentimento de busca de igualdade mais empáticas essa pessoa será, e caso essa pessoa seja a empossada na liderança do grupo que se empodera, o poder dessa pessoa possivelmente será o mais justo possível, certamente não é uma tarefa fácil, porém uma trajetória positiva. Esse empoderamento queer nas quadrilhas juninas que é o espaço-tempo biográfico de estudo, os grupos que se empoderam precisam conversar com todas as opiniões dentro de uma junina, sejam elas pró ou contra, é preciso deixar nítido que sempre será feito o que é melhor (o melhor democraticamente) para o grupo num contexto geral, sem parcialidades, hierarquia violenta (violenta no sentido do silenciamento dos ditos subalternos), ou autoridade explosiva.

Ou seja, é preciso fazer das relações de poder existentes, relações saudáveis sem toxicidade, pois quando esses atos não existem as relações se tornam frias e danosas como eram quando LGBTQIAPN+ nas juninas de alguma forma eram oprimidos por héteros, fazendo essa opressão algo independente de gênero e sexualidade, algo ruim, pois vilaniza os líderes LGBTQIAPN+. É fato que além das questões que envolvem uma junina existe a opressão por causa da fala imposta da heteronormativa compulsória, fator a mais nas relações de poder entre heteros e LGBTQIAPN+ nos grupos juninos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na contemporaneidade, o sujeito assume uma condição biográfica demarcada pelo terreno do inacabamento do ser. Assim, este trabalho está implicado por um estudo investigativo bibliográfico e pelas narrativas de si, enquanto fruto das aprendizagens e experiências com quadrilha juninas, onde os sujeitos aprendentes das experiências assumem uma identidade narrativa. Por isso, não caminho por considerações finais, mas sim por (in)conclusões, a partir das premissas delineadas pela presente investigação, sobre o empoderamento *queer* nas juninas da cidade de Barreiras, entendendo que a fenomenologia existencial busca sempre interpretar hermeneuticamente a essência do sujeito biográfico a partir da sua própria narrativa.

Inicialmente, a investigação buscou analisar a parte de uma base teórica/epistemológica de estudos sobre pessoas LGBTQIAPN+, empoderamento, resistência e comunidade. O estudo se debruçou no contexto das manifestações culturais e sociais apresentadas nos espaços-tempos onde as quadrilhas juninas do município de Barreiras se tornam o espaço de sociabilização para análises e questionamentos, isso corroborando ao empoderamento LGBTQIAPN+. Fazendo um apanhado histórico LGBTQIAPN+ que se baseou nas lideranças *queer* que surgem desde os anos 70 no bairro Vila dos Funcionários, se torna um berço de grandes quadrilhas juninas, nisso me proponho a entender como as pessoas LGBTQIAPN+ se tornaram influentes nas manifestações culturais juninas. A pesquisa dá importância a essa influência, vem questionar como acontece o empoderamento *queer* nas quadrilhas juninas, que foram e ainda são espaços heteronormativos de práticas, códigos e traços heterossexuais para os membros das juninas até mesmo nos que não são LGBTQIAPN+.

Este estudo segue a metodologia autobiográfica, pois, além de tentar compreender os comportamentos dos sujeitos *queer* nas juninas, me insiro como um corpo participante dos fenômenos pelo histórico junino e entendimento como um ser *queer*. Arelado aos estudos que se iniciou a partir dos seguintes questionamentos; de que forma se dá o empoderamento *queer* nas quadrilhas juninas no município de Barreiras-Ba? Quais os aspectos e posturas evidenciam esse empoderamento? Nisso são discutidos os antecedentes históricos das quadrilhas juninas contextualizando a resistência LGBTQIAPN+ e como as pessoas *queer* se constituem nas relações de poder no movimento junino. As análises se baseiam nas falas, histórias, trajetórias, experiências para construção das subjetividades e identidades dos sujeitos, nesse caso uma produção do sujeito sobre si em relação aos outros partindo da singularidade para a pluralidade de experiências e saberes, mesmo que sejam saberes subterrâneos. Essas trajetórias se baseiam no método autobiográfico que partiram das vivências de pessoas LGBTQIAPN+ nas quadrilhas juninas de Barreiras, incluindo pesquisas bibliográficas e narrativas orais. A contextualização do estudo apresenta de gênero e empoderamento *queer*, os antecedentes das quadrilhas juninas no bairro da Vila

dos Funcionários, empoderamento *queer* nas quadrilhas juninas, relações de poder, resistência e resistência *queer*. O empoderamento *queer* é contextualizado como reflexo de uma trajetória de camadas que se inicia com a resistência *queer*, surge de forma individual e singular (potência singular), causada pelo desconforto do oprimido e estar contra e se opor aos atos heteronormativos, no caso. Essa potência se torna plural, quando falas e pensamentos ganham força com outras pessoas que comungam do mesmo movimento e sentimento político.

Essas trajetórias se baseiam no método autobiográfico que partiram das vivências de pessoas LGBTQIAPN+ nas quadrilhas juninas de Barreiras, incluindo pesquisas bibliográficas e narrativas orais. A contextualização do estudo apresenta de gênero empoderamento *queer*, os antecedentes das quadrilhas juninas no bairro da Vila dos Funcionários, empoderamento *queer* nas quadrilhas juninas, relações de poder, resistência e resistência *queer*.

O empoderamento *queer* é contextualizado como reflexo de uma trajetória de camadas que se inicia com a resistência *queer*, surge de forma individual e singular (potência singular), causada pelo desconforto do oprimido e estar contra e se opor aos atos heteronormativos, no caso. Essa potência se torna plural, quando falas e pensamentos ganham força com outras pessoas que comungam do mesmo movimento e sentimento político.

A resistência segundo a filosofia espinozana enfatiza a importância de resistir como modo de preservar a liberdade que todos nós devemos ter no espaço-tempo, um ato interno que se estende a todos, a resistência surge como direito que não se sucumbi as tiranias do outro, refletida da desobediência. A estrutura se constrói assim: existir, resistir (potência singular), resistir coletivo (potência plural), empoderamento e liberdade. A liberdade quando conseguida se remete à conquista de poder de um determinado grupo sobre outro, ainda assim essa liberdade está sujeita às relações de poder, e quando essa liberdade mais uma vez é negada o ciclo se reinicia sempre. Baseado nesse processo o empoderamento LGBTQIAPN+ acontece no meio junino, fruto da coletividade. Quando se tornam líderes e diretores dos grupos juninos e se esforçam ao máximo pela longevidade nos cargos, os mesmos mostram um lugar de fala, fundamentos em normas heteronormativas para justificar os processos de funcionamento do grupo bem como às questões sociais e administrativas desses grupos de quadrilhas juninas, portanto, o empoderamento da pessoa LGBTQIAPN+ pelo viés da formação heteronormativa da margem para a repetição de atos hierárquicos verticais, monopólio de poder e até mesmo repetições de códigos e atos homofóbicos, o que seriam motivos para uma nova refiguração do processo de empoderamento *queer* nas quadrilhas juninas. A forma de combater esses atos quando o poder é conseguido é por um processo de resistência até a liberdade atrelado com a informação como instrumento de libertação onde o empoderamento tem que ser afetivo,

democráticos, com equidade, com senso de justiça e sobretudo empatia, algo que requer esforço, pois é preciso compreender a alteridade, ou que se pede pela desconstrução social para se construir um novo ser empoderado, ser de igualdade. A pesquisa a partir dessas análises interpretativas aponta como encaminhamento estudos investigativos sobre os processos formativos de lideranças LGBTQIAPN+ em espaços e grupos culturais a exemplo das quadrilhas juninas.

Portanto, para que haja um processo de empoderamento *queer* que dê a liderança um regime justo, afetivo e democrático, esse processo precisa ser mantido com o sentimento de empatia, sendo assim caso haja novos processos de empoderamento sempre será o mais justo possível e fluido de acordo com o decorrer dos tempos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Francisco Cleiton. **Iniciação à Docência**: narrativas e experiências sobre estágio supervisionado e PIBID. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade. Salvador-BA: PPGEduC-UNEB, 2014.

BHABHA, Home. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro-RJ: Zahar, 1998.

BARBOSA, Fernanda Lopes; CLARK, Giovani. A (in)visibilidade da comunidade LGBT e o planejamento estatal. **Revista de Direito, Economia e Desenvolvimento Sustentável**, Brasília, 2017.

BARBERO, Graciela Haydée. Erotismo em Transformação. **Revista Mente&Cérebro**, a. XIV, n. 165, outubro de 2006.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Pólen, 2019.

BORTOLETTO, Guilherme Engelman. **LGBTQIA+**: identidade e alteridade na comunidade. São Paulo: Universidade de São Paulo: Escola de comunicações e artes: centro de estudos latino-americanos sobre cultura e comunicação, 2019.

CARDOSO, J. M.; FERNANDES, S. F.; LIMA, C. H. L.; SOARES, A. S.; SOUZA, D. D. A. **Ativismos LGBT no Oeste da Bahia**: percursos, situação atual e potências políticas. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2017.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais** Bauru-SP: EDUSC, 1996.

FACCHINI, Regina; SIMÕES, Júlio A.; **Na trilha do arco-íris**: do homossexual ao movimento LGBT. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

FIGUEIREDO, Eurídice. Desfazendo o gênero: A teoria queer de Judith Butler. **Revista Criação & Crítica**, n. 20, p. 40-55, 2018.

FOCAULT, Michel. **A história da sexualidade**: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Editora Paz & Terra, 2018.

G1 BA. Adolescente que matou e ateou fogo em jovem por homofobia no oeste da BA é assassinado com 15 tiros. **G1**, 07 dez. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/12/07/adolescente-que-matou-e-ateou-fogo-em-jovem-por-homofobia-no-oeste-da-ba-e-assassinado-a-tiros.ghtml>. Acesso em: 25 fev. 2025.

G1 BA; TV OESTE. Dupla é condenada a mais de 20 anos de prisão por matar mulher trans após desentendimento por causa de preço de programa. **G1**, 31 jul. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2024/07/31/julgamento-de-acusados-de-matar-lorena-fox-na-bahia.ghtml>. Acesso em: 25 fev. 2025.

GARCIA, Paulo César; MIRANDA, Alison Coutinho. **A Teoria Queer como representação da cultura de uma minoria**. Espírito Santo: Universidade Federal do Espírito Santo, 2012.

GOMES, José. Cleudo; ZENAIDE, Maria de Nazaré Tavares. A Trajetória do movimento social pelo reconhecimento da cidadania LGBT. Canoas: **Tear: Revista de Educação Ciência**, 2019.

JÚNIOR, D. F. C. Cadernos Espinosanos: estudos sobre o século VXII. São Paulo: **Revistas.usp.br**, 2018

JOSSO, Marie-Christine. Da formação do sujeito... ao sujeito da formação. In: NOVOA, Antonio (org.). **O Método (auto)biográfico e a formação**. Natal-RN: EDUFN; São Paulo-SP: Paulus, 2009. p. 60-79.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: NOVOA, Antonio (org.). **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

NETO, H. M. O São João Também é Trans. **Revista Brasileira de estudos da homocultura**, Cuiabá, 2019.

SPARGO, T. **Foucault e a teoria queer**. São Paulo: Autêntica, 2017.

SILVA, D. S. **Projeto de pós-doutorado**: Conflito e resistência na filosofia política de Espinosa. Universidade de São Paulo, 2013.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 6. ed. Rio de Janeiro-RJ: Record, 2004.

TRESSOLDI, Cassiano. **Entre o genuíno e o mercadológico**: percepções de gays sobre estratégias de marketing em relação a causa LGBTQIA+. Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em administração e negócios mestrado em administração da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre-RS: PUC-RS, 2021.

TV OESTE. Coreógrafo executado em ambulância na BA foi baleado minutos antes em ação da polícia que tinha tio dele como alvo. **G1**, 31 maio 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/coreografo-executado-em-ambulancia-na-ba-foi-baleado-minutos-antes-em-acao-da-policia-que-tinha-tio-dele-como-alvo.ghtml>. Acesso em: 25 fev. 2025.

VIEIRA, Helena. Afinal, o que é a Teoria Queer? O que fala Judith Butler? **Diálogos do Sul**, 2015. Disponível em: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/cultura/51728/afinal-o-que-e-a-teoria-queer-o-que-fala-judith-butler>. Acesso em: 20 nov. 2020.

ZARATIM, Samuel Ribeiro. **Quadrilhas juninas em goiânia**: novos sentidos e significados. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar – Mestrado em Performances Culturais da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás. Goiânia-Go: UFGO, 2014.

Recebido em: 25/02/2025

Aceito em: 11/08/2025